



TAXA PAGA
PORTUGAL
CONTRATO: 536425

CORREIO
EDITORIAL
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE00992015CE



Gaiato

Quinzenário • 18 de Abril de 2015 • Ano LXXII • N.º 1855 • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

MALANJE

Padre Rafael

MEUS queridos rapazes, como sabeis, estou no Calvário. Há dias, li esse interpelante livro conhecido como *O Cantinho dos Rapazes*, escrito por Pai Américo, que o apresenta como livro de cabeceira para todos os Gaiatos.

Ele fala, em linguagem coloquial e plena de carinho, da importância de escutar a nossa consciência. Ela é, para cada um de nós, uma voz interior, através da qual podemos encontrar o caminho certo. Por esse motivo, os Padres têm uma grande responsabilidade na formação da mesma.

Vós sois os continuadores da Obra... diz-nos Pai Américo, quase como um grito, sem retórica, para o escutarmos até aos dias de hoje. É muito importante que cultives e cuides desta mensagem no teu coração. A pergunta é sempre a mesma: — Como?

Os quartos de banho estão muito estragados, é necessário reabilitá-los. Por isso decidimos pôr mãos à obra. Em primeiro lugar, escolher por que casa vamos começar: a dos «Batatinhas», não há dúvida. Assim, por grupos e com dedicação, vamos picar os azulejos e retirar o chão velho. Depois, encher as paredes com cimento, é o grupo dos pedreiros. Agora toca aos canalizadores colocar as sanitas, não falta nenhum elo. Finalmente, os pintores e

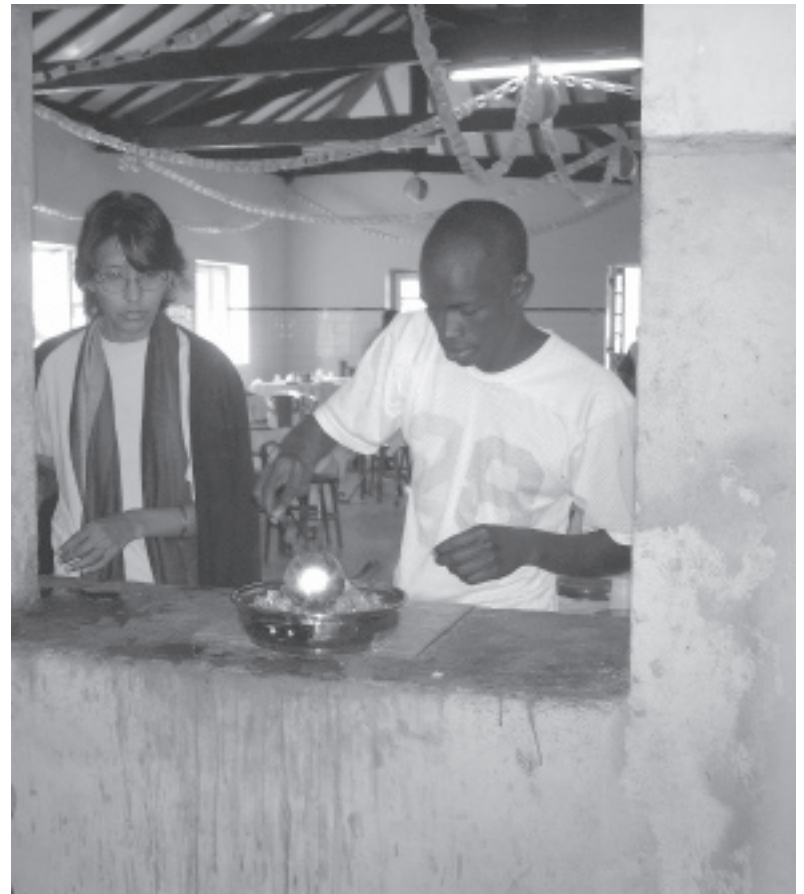
electricistas — tudo por eles: aqui está a perfeição da nossa Obra.

Agora toca a vez da casa 2. O problema: juntar dinheiro, para comprar os materiais ou esperar que uma alma generosa nos ajude? Nos últimos anos pusémos em marcha a Associação dos Antigos Gaiatos de Angola. Já nos têm ajudado, não só economicamente, mas vindo e colaborando em campanhas de trabalho, em busca de trabalho. A Obra não é Associação, é Família — repito, é Família —, não pode ser outra coisa.

Como gostaria que cada Gaiato tivesse este *Cantinho dos Rapazes* como um medicamento preventivo ante uma sociedade que, às vezes, menos parece uma família... e valorizar a amizade e a fraternidade. Seguramente não podemos ter um para cada um, mas podemos ler um bocadinho, depois de cada Terço, para que também seja escutado pelos «Batatinhas».

Esta Quaresma colocámos o novo sino que nos mandaram de Portugal. Certamente nesta Páscoa vai ser ouvido por todas as Aldeias, na Vigília Pascal.

Quanto a nós, vamos ressuscitando em cada gesto nascido da divina misericórdia de um Deus pobre. □



PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

FOI aos discípulos e às discípulas que Jesus se manifestou em primeiro lugar Vivo e Ressuscitado.

Foram estas que tiveram a Graça de contemplar a Sua vitória sobre o mal, a morte e o pecado, e

são as mesmas que também continuam a senti-lo próximo de si.

Tenho comigo alguns testemunhos que devo partilhar com os meus leitores:

«*Há muito tempo que sou leitora d'O GAIATO, e ajudo*

conforme posso. Nunca colaborei directamente no Património dos Pobres — não por falta de vontade, mas porque tento seguir a doutrina do Pai Américo, que é: 'Se cada freguesia cuidar dos seus pobres, não chegava ao Sr. Padre tanta gente desesperada'.

Esta Quaresma, a minha renúncia, faço questão que seja para o Património dos Pobres, que tanto devem queimar o seu coração de cuidador.

Não é muito, eu sei, para tanta necessidade. É um mês da minha reforma.»

Quanto foi? Não sei bem, é um mês de reforma. E basta!

Se todos os reformados vissem o Ressuscitado, seriam capazes do mesmo sacrifício, para O aliviar.

Esta leitora faz o mesmo na sua paróquia, como recomenda o Padre Américo e como tanto acentua o Papa Francisco: A proximidade com os Pobres, com os que estão próximos de nós.

Como estamos longe de entender estas mensagens?!...

Esta é a visão que Jesus nos apresenta no seu Evangelho, sobre o Reino de Deus, e que a maior parte distorce a seu modo, segundo as conveniências pessoais.

«*Estamos na Quaresma e, por isso, tenho como sacrifício a oferta de 500 euros, que sei é sempre bem empregue. Eu, como*

Continua na página 3

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

ESCREVER depois da Páscoa é emocionante, mas muito difícil. Vivemo-la com uma intensidade especial, porque este ano não saímos de Casa para partilhar com a Comunidade Pai Américo, como nos outros. Por um lado uma tristeza que habitou em mim nesses dias, mas, por outro, foi muito melhor e creio que muito mais frutuoso. Lá, a dispersão dos Rapazes, o barulho que faz a participação, por simples curiosidade de muita gente que só nesses dias aparece. Ia-se tornando folclore religioso, como acontece em Portugal, por muitas terras, banalizando o espírito do sagrado que só no recolhimento é possível. Aqui, os três dias fecharam um ciclo de esforço iniciado ao longo de quarenta dias. Foi uma verdadeira caminhada na vida do dia-a-dia desta Casa, tendo em vista sempre a melhoria de cada um na atenção a si mesmo e aos outros. No Sábado Santo, apareceram muitos que estão fora. Alguns que há anos não víamos, nem deles sabíamos. Alguma semente ainda por germinar em terra seca, que espera a oportunidade. Só regressaram na tarde de Domingo. Também na Celebração da manhã, alguns amigos da cidade que depois partilharam da nossa mesa. Foi um tempo cansativo para as pernas trôpegas e inchadas que me carregam. O Lava pés de Quinta-Feira Santa de modo especial. Arrastei-me penosamente perante os pés dos meus Rapazes que lavei e beijei, para que eles sentissem bem a seriedade e necessidade de eles mesmos, sobretudo os mais velhos, terem a mesma atitude diante dos mais novos. É consolador verificar o zelo que muitos já põem nisso, enquanto outros ainda se tratam com desdém.

Não deixámos de acompanhar que pelo mundo avança uma onda de feroz ódio e atrocidades, até de alguns que julgam servir a Deus, tirando a vida a quem nem tempo teve para a viver. É caso para dizer que o demónio anda à solta, na hora em que muitos milhões de crentes, católicos ou não, celebram a verdadeira libertação que Cristo ofereceu a todos. Mas Ele também morto em nome de Deus. Que terrível ironia nascida do livre arbítrio, e que responsabilidade perante Deus, a da própria humanidade que nem é capaz de se julgar a si mesma. Parece terrível a palavra globalização. Para quê? Prenúncio de implosão ou de explosão? Esta mudança é catastrófica e só a Cruz levantada é sinal de esperança e de certezas que o homem é chamado a realizar e há-de realizar. Doutra modo Deus também se destruiria a Si mesmo. É tempo de Fé e Comunhão com o próximo. Num tempo de teorias intelectuais e estratégias globais. Há muitas sementes de bem a germinar no subconsciente dos homens. Deus não pára de trabalhar. □

ESCLARECIMENTO

«Caros Amigos

Agradeço a vossa carta sobre a minha oferta... Aproveito para manifestar o meu pouco agrado pelo facto de o pedido da quaresma estar a ser feito para a CASA DO GAIATO, confundindo os que ainda não sabem que esta CASA já não pertence à Obra do venerando Pai Américo. Disto dei conta ao prior da minha freguesia, que me disse o que eu já sabia, mas que devia ser esclarecido no púlpito perante todos.

Penso que este assunto devia ser alvo do vosso esclarecimento no Famoso, para que as pessoas que deram donativos pensando na Obra, sejam esclarecidas.

Lamento, tanto mais que fui um frequentador frequente do Tojal no tempo do Padre Luís.

Com amizade.» Assinante 27008.

Não é a primeira vez que damos à estampa a informação, aos nossos Amigos e Leitores, de que a nossa antiga Casa do Gaiato de Lisboa passou a ser propriedade do Patriarcado de Lisboa no ano de 2006, deixando, pois, desde essa altura, de pertencer à nossa Obra.

A razão fundamental que nos conduziu a esta situação foi o facto de não termos um Padre da Rua disponível para assumir a orientação dessa Casa, e não ter surgido nenhum sacerdote que viesse colmatar a transferência de um padre da nossa Obra para lá.

O presente esclarecimento continua a ser necessário fazer-se como refere o nosso Assinante, pois há Amigos que ainda não o têm para saberem distinguir nomes que, sendo iguais — Casa do Gaiato — já não correspondem à origem que tiveram e deixaram de estar ligadas umbilicalmente à nossa Obra, como é o caso da Casa em questão. □

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

A INCOMPREENDIDA ESSÊNCIA DA ACÇÃO SOCIAL — Nas minhas andanças vicentinas e noutras do género tenho-me defrontado muitas vezes com formas variadas de incompreensão de uma característica essencial e, por isso, insubstituível da acção social, a saber: combater a pobreza e outras formas de exclusão social nunca poderá dispensar a dádiva continuada de si próprio para quem está nesta acção, bem como o contacto pessoal e directo com as pessoas vítimas dessa exclusão.

Seria preciso um texto longo para inventariar as muitas e variadas formas de incompreensão desta característica essencial da acção social. Por isso, vou-me ficar aqui só por algumas delas. Uma é falar, de forma depreciativa, da difícil sustentabilidade económica das organizações que têm por missão este tipo de acção, da sua “subsidiodependência”, ou de viverem muito dependentes de donativos. Nos dias que correm ouvem-se cada vez mais vozes a defender que estas organizações devem é virar-se para o mercado e deixarem-se dessa dependência dos financiamentos públicos ou dos donativos privados. Há, com certeza, algum caminho que estas organizações podem e devem fazer no aproveitamento de mecanismos de mercado, mas considerar que esta deva ser a principal, ou mesmo exclusiva base da sua sustentabilidade económica é não perceber as características económicas essenciais da acção social.

Outra forma de incompreensão da essência da acção social é considerar que se responde cabalmente aos problemas sociais com injeções de “técnica” ou de “leis” a cumprir. Tal como no caso do aproveitamento de mecanismos do mercado, certamente há recursos técnicos que precisam de ser mais e melhor utilizados para a acção social e que há instrumentos de natureza legal que também é preciso melhorar, ou instituir. Isto, no entanto, não quer dizer que sejam as “técnicas”, ou as “leis” que devam estar no coração da acção social, à custa de se ignorar, ou menosprezar o papel essencial da dádiva continuada de si próprio e da interacção pessoal e directa com as pessoas em situação de exclusão social.

Outra forma de incompreensão da essência da acção social é a muito pouca valorização pela sociedade do trabalho voluntário de quem anda nisto e do que vai sendo conseguido com esse trabalho. Como o voluntariado é trabalho não remunerado, é trabalho que “não conta” para as contas de uma economia dominado pelo mercado. Como os resultados da acção social são, muitas vezes, não comercializáveis, também são produto que “não conta” para as contas de uma economia dominada pelo mercado. Por isso, os que andam no trabalho social são vistos, com frequência, como uns coitadinhos, ou como uns líricos, que andam a cuidar doutros coitadinhos, para obter resultados que também são coitadinhos.

Finalmente, e para me ficar por aqui, só mais uma forma de incompreensão da essência da acção social que já anda por aí há muitos séculos e que continua nos dias de hoje é a atitude dos que aliviam a sua consciência “social” com a dádiva de uma “esmola ao pobrezinho” tirada da sua conta pessoal, ou da conta da empresa. Esta dádiva não é problema quando é como o óvulo da viúva que Jesus elogiou. Ela é problema nos casos em que não corresponde a expressão de um compromisso que empenhe a pessoa toda, ou a organização toda de uma forma permanente no cuidado do próximo que mais precisa. □

PAÇO DE SOUSA

Fausto Casimiro

TIPOGRAFIA — Os nossos tipógrafos continuam a fazer a Banda Desenhada sobre a vida do nosso querido Pai Américo, para responder aos pedidos dos nossos Amigos. Ao mesmo tempo estão a fazer alguns trabalhos para encomendas que vêm de fora. Começaram também a fazer livros das Normas de Vida dos Padres da Rua em língua espanhola. Quem desejar fazer algum trabalho na nossa tipografia, tem os nossos tipógrafos disponíveis.

CAMPO — O «Meno» com alguns dos nossos Rapazes andaram a semear batata no campo dos galinheiros, para que mais tarde, quando elas estiverem prontas para comer, as vamos arrancar e levar para o celeiro. Também outros Rapazes andaram a apanhar as varas que foram podadas das nossas videiras para que os terrenos fiquem limpos. Isto foi junto à Casa da mata, onde o Pai Américo ia às vezes descansar.

PÁSCOA — A nossa Páscoa correu bem. Tivemos ofertas dos nossos Amigos, que nós agradecemos muito: pão-de-ló, amêndoas, cabrito e tantas outras coisas boas, que os nossos Rapazes gostaram. Desejamos também que os nossos Amigos tenham tido uma Santa Páscoa.

A NOSSA ALDEIA — É uma Aldeia grande e bonita. Nela apreciamos sempre coisas diferentes. Ainda há pouco tempo as árvores estavam despidas de folhas e agora já estão a ficar cobertas de folhas verdes. Também as sebes da nossa avenida estavam secas e agora estão vestidas de folhas verdes e flores brancas — são as aleluias. Dentro do nosso pomar as árvores de fruto já floriram e estão já a dar os frutos e a ficar cobertas de folhas.

VACARIA — Nesta semana da Páscoa, nasceu um vitelinho. É um vitelinho fofo e que esperamos se venha a desenvolver bem. Por agora vai ficar junto da mãe, mas mais tarde será retirado para outro parque junto dos outros vitelos. Tudo na nossa vacaria se aproveita, até os estrumes para os nossos campos. As nossas vaquinhas dão-nos o leite, que é bom e de que nós gostamos muito. É preciso por isso que cada um de nós colabore nos trabalhos da nossa vacaria. □

MIRANDA DO CORVO

Rapazes de Miranda

SEMANA SANTA E TRÍDUO PASCAL — Teve início a 29 de Março, pelas 10 horas, junto ao Cruzeiro, no largo da nossa Capela, a Semana Santa, com a bênção e precissão dos ramos, em especial das nossas oliveiras, que os Rapazes e amigos traziam nas mãos, a que se seguiu a Missa com a leitura do Evangelho da Paixão. Na Quinta-feira Santa, pelas 19 horas, participámos na Missa Vespertina da Ceia do Senhor, em que houve Lava-Pés a 12 Rapazes da casa-mãe. Na Sexta-feira Santa da Paixão do Senhor, pelas três horas da tarde, escutámos a leitura do Evangelho da Paixão, adorámos e beijámos a Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo, seguida da Sagrada Comunhão, com o Santíssimo Sacramento antes trasladado para o nosso Oratório. Também foi celebrada a Vigília Pascal. Pelas 10 horas do Domingo de Páscoa, participámos na Missa deste grande dia, com muitos amigos. Ao fim da tarde, recebemos

a visita pascal. Depois, saboreámos uma boa merenda ajantarada. Continuação de santa e feliz Páscoa de Cristo Ressuscitado. Aleluia!

ENSINO — Os nossos Professores Destacados receberam as avaliações do segundo período do 1.º Ciclo ao Secundário, nas várias escolas, nomeadamente: Centro Educativo, Escola EB 2,3 c/ Sec. José Falcão, Escola do Senhor da Serra, Escola Profissional do Sicó. Os Rapazes até ao 4.º ano e outros com algumas “negas” tiveram estudo reforçado nas férias escolares. Há notas que devem levantar no terceiro período.

AJUDAS — Vários amigos e amigas têm trazido as suas partilhas, na sua maioria de bens alimentares. Neste tempo pascal, salientamos os deliciosos folares, da Pampilhosa do Botão e de Miranda do Corvo, e os ovos de chocolate, vindos de Coimbra. A todos, o nosso bem-hajam!

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE

Maurício Mendes

PASSEIO — Conforme divulgação efectuada na edição anterior d'O GAIATO, o passeio anual para todos os associados e familiares foi alterado para o feriado do dia 1.º de Maio (sexta-feira). A cidade de Bragança foi a eleita para a concretização do VII passeio da Associação. Do itinerário salientamos as passagens, com paragem, por Murça e Mirandela. A saída é na nossa sede às 8h00 em ponto. As reservas devem ser efectuadas, com a maior brevidade possível, para os contactos: 917414417-912163569.

ACTIVIDADES — A sede da Associação está sempre de portas abertas, aos fins-de-semana para todos os que nos queiram visitar. Ficamos a aguardar a vossa visita. Aos sábados à noite, temos sempre o ensaio geral da nossa 'Tuna Musical' pois queremos estar bem afinados nas nossas actuações. Quem quiser ter aulas de pintura, o nosso mestre Pontes está sempre ao dispor. □

LAR DO PORTO

Casal vicentino

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — «A razão porque devemos amar a paz e estimar a concórdia, são elas que geram e alimentam a caridade. Procuramos conservar-nos sempre unidos no amor fraterno, pelos laços dessa paz profunda e fortalecer o amor recíproco mediante o salutar vínculo da paz. Amar a paz em tudo que encontrareis tranquilidade de espírito».

Vou dar notícias daqueles que o Senhor pôs nos nossos caminhos: A mãe dos sete filhos continua com uma vida cheia de problemas; ela bem quer dar uma vida melhor aos seus filhos, mas é-lhe impossível com o pouco dinheiro que lhe entra em casa, com tantas bocas para alimentar. O marido continua doente, mas sempre que lhe aparece uns biscates, lá vai fazendo. A filha mais nova neste momento anda no futebol e é uma boa atleta, encontrou um clube que também a tem ajudado.

A filha mais velha, que tem o filho com problemas de pele, é um problema, que esta mãe bem pobre, como a pode aturar. O filho precisa de cuidados especiais e esta pobre avó não tem possibilidades de o ajudar.

A mãe de quatro filhos e três netinhos, a vida dela continua com muitos problemas. Os netinhos foram tirados à mãe, eles estavam num orfanato e nós andamos a arranjar os meninos irem para um colégio até a mãe ter condições para cuidar deles e ela tinha concordado.

O tribunal resolveu dar os meninos para adopção, a mãe coitada, ficou muito triste passa os dias a chorar. É pena que façam assim à vida destas criancinhas porque ela não é má mãe, então não seria melhor arranjar condições para esta mãe velar por elas? Ela é sempre mãe delas.

Nós, conferência, estamos a atravessar um momento de muitas dificuldades, ela já sabe que não pode contar conosco, mas temos um Estado que deve ver as condições das crianças.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — D. Helena, 400€. D. Aura, 20€. Eng. Roberto, 50€.

Mas temos fé que o Senhor vai continuar a tocar nos corações dos nossos queridos Amigos e Leitores para todos juntos continuarmos a ajudar quem mais precisa. □





É a casa 2 de Benguela

VINDE VER!

Padre Quim

Fonte de vida

CELEBRAMOS com redobrado entusiasmo, em nossa Casa, a Páscoa da Ressurreição. A festa da nova criação. Abriu-se uma nova dimensão para o homem. A pedra foi removida e Cristo saiu vitorioso. E para todo o sempre fica a morte vencida. Como cantamos no hino das vésperas do tempo pascal. O amor é mais forte que o ódio, a verdade vence a mentira. É o dia da nova humanidade. Houve toda uma caminhada Quaresmal marcada pelo desejo da mudança de atitudes e de comportamentos do nosso êxodo diário. Da escravidão do pecado à vida nova da Graça. O mal rouba a alegria de viver, é um vírus que desequilibra o sistema normal de convivência amigável com Deus e com o irmão. A mesa da palavra foi apetrechada de iguarias. Um verdadeiro banquete, qual manjar suculento nos foi dado para assimilar a vontade divina apelando à conversão contínua. «Somos o que comemos», alguém o atestou com todas as convicções da sua época. Quiséramos que assim acontecesse em relação à palavra de Deus. Alimento que comunica, nutre e fortifica na vontade

divina. Ao banquete da palavra segue-se por orientação litúrgica a mesa do sacrifício eucarístico. Não é o maná dado no deserto. Este é o verdadeiro Pão vivo descido do Céu, quem dele comer viverá eternamente. Como se canta quando há comunhão. E como não se pode aproximar desta mesa de modo indigno, veio o confessor para uma preparação remota no princípio da Quaresma e outra próxima ao terminar o tempo favorável. O rapaz é portador de possibilidades espirituais, é imagem e semelhança de Deus. Ama e quer amar com todas as forças possíveis. É capaz de criar um mundo novo à sua volta. Se recebe luz, irradiará com a mesma intensidade. Se as sombras da escuridão o envolverem, esconder-se-á nelas. E não se aproximará da luz que comunica vida e alegria. A vela ilumina e dá luz consumindo-se a si mesma. Eis o Mistério Pascal. Vida e luz em plenitude! O mundo escurecido necessita de luz, não as que despistam o homem depois de o encandear, mas aquela luz que torna possível a vida digna, o encontro verdadeiro e fraternal, a comunicação impar-

cial e real, o conhecimento da verdade sem sombras da mentira e da ignorância. Tudo junto dará sustentabilidade ao homem novo que se encontra hoje no rapaz que temos de educar. Para conhecer a justiça, a verdade e beleza da criação. É a educação religiosa que sustenta a alma. Terreno fortemente cobijado pelas forças do mal. Os sábados, de tarde, estão preenchidos pela formação religiosa; a catequese comanda o programa, e nesta hora só o silêncio paira sobre a Aldeia, tudo vai dar às salas de aulas, onde decorre, habitualmente, a formação. Os catequistas vêm do seminário calabriano, nosso vizinho. A pastoral é parte integrante da formação dos futuros sacerdotes. Sem ela, não há pastores segundo o coração de Jesus. O Domingo, é a festa do Senhor por excelência. Os pequeninos correm a distância de quinhentos metros, o quanto dista a nossa Capela, dedicada a santa Isabel, de Portugal. Os cânticos, as leituras e também o acolitado são feitos com brio e dedicação. «Quando for grande, quero ler na Missa, dizem os mais novos»... sim, ler para rezar e rezar para amar e compreender a grandeza do amor de Deus. O Terço chega ao fim da tarde de Domingo, depois da praia e passeio. Da harmonia nasce a paz verdadeira, onde a fonte do amor sacia o deserto espiritual. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

tenho muitas saudades dos meus queridos que estão em Deus, vou, por isso, passar em qualquer cidade em que se celebre a Paixão de Cristo. Não posso ficar sozinha em casa, onde o meu marido e eu recebíamos o Compasso.»

Do grupo bíblico da Quinta do Anjo, recebemos 701,02 euros. Gente que lê a Bíblia com olhos de ver. Alguém que me manda um terço e teve a dita de conhecer o Padre Américo: «Procurarei tirar da minha pensão, o que for possível para ajudar», 100 Euros.

De Évora, 30 euros. Uma setubalense que não esquece a sua terra, 50 euros por mês.

São compromissos com Deus!

Da Rua da Palmeira, de Lisboa, 1500+500 euros.

«Embora com a minha pensão penhorada em um terço, sempre me sobraram uns euros para ajudar quem não tem pensão para penhorar», 150+100 euros.

«Fico pedindo a Deus que lhe restitua a saúde, já que tanta falta faz a tantos necessitados», mil euros.

O mesmo da Alcina, sempre preocupada em arranjar roupa para bebês.

Cem, da Gracinda, da Isabel, do Abílio, do Adelino, da Maria Benedita, da Maria Helena, do Ramiro e da Maria Amélia.

Do Luís, assinante 59746: «Chocou-me imenso esta situação e, se não poder fazer mais, ao menos nesta quadra 'de Natal', mitigar o sofrimento dessa família», 150 euros.

A mesma quantia de dois antigos gaiatos, cada um com a sua

carta, os quais já repetiram, um com mais 200 para as despesas cá, do Padre Zé Maria, e mais de Odivelas, para aplicar onde for necessário.

Da Fernanda, duas vezes 300 euros e o mesmo da Teodora e da Zélia.

Dois mil e quinhentos euros da M. Maia: «Que esta migalha possa ajudar uma das muitas famílias carenciadas, que recorrem tantas vezes ao seu auxílio», 250 euros.

E o mesmo de um sacerdote doente, da Diocese de Coimbra, e de outro sacerdote da mesma Diocese, 3000 euros. Mais, 450 de um antigo gaiato, e o mesmo de Calos de Baixo, Castelo Branco.

Por transferência, 200 euros da Eugénia, 400 do Óscar e da Maria Manuela.

«Junto lhe envio um pequeno

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Dia feliz

«A manhã é um dia feliz!», disse-me efusivamente o Manelinho. Perguntei-lhe porquê e, então, ele desenhava uma palavra no ar com o dedo. Como não consegui decifrar ele sussurrou: Escola! Fiquei encantado com a sua expressividade, no jeito de a fazer, infantil como ele. As férias estavam a acabar e novo período lectivo ia começar.

De imediato me assaltou a sua circunstância escolar: queixas de rebeldia nas aulas, mas boa aplicação nos trabalhos de casa e gosto pela professora e pela escola.

Mantendo-se as circunstâncias negativas, o que hoje em dia se faz é levar a criança ao psicólogo. Também assim fizemos para não sermos tidos por anacrónicos. Conhecemos bem o Manelinho, e conhecendo também a sua história já contávamos com o resultado: é uma criança normal. Que é preciso fazer? Continuarmos próximo e interessados por ele; chamá-lo a atenção e corrigi-lo sempre que necessário; apoiarmos o seu gosto pela escola, pela professora e pelo estudo. Com o tempo o Manelinho há-de perceber ou aceitar que é errado o que se lhe aponta como tal e fará menos asneiras.

Esta situação não me deixa no entanto sossegado. Ele corre o risco de o rotularem e, se não mudar antes que isso aconteça, os próximos anos certamente não serão fáceis.

Companheiros de escola seus são o «Quintino» e o «Rat». Bons alunos, sem apreciações negativas no comportamento em sala de aula. Mas são vivazes e, por tal motivo, nos intervalos trazem ao de cima o seu espírito guerreiro. Daí vêm algumas queixas, as quais nos levam a aconselhá-los a baixarem o lume nesse período escolar.

Infelizmente os bonecos que passam nos canais da TV, que eles vêm sempre que podem e que eu acompanho à distância, deitam energia por todo o lado. Cada personagem é uma fonte em potência das mais diversas e inverosímeis formas de energia. Na sequência disto, não admira que eles, vivaços como são, queiram transformar a realidade com a ilusão que ferve nas suas cabeças.

Procuro descobrir se há um denominador comum que os caracterize e que se constitua num suplemento de alma para quem tenha mais dificuldade em gerir as situações em que eles estão envolvidos. De facto há: se eles não fazem tudo bem feito sei que fazem muito por bem. A bondade das suas atitudes é o que mais precisa de ser valorizado, sem nunca se fechar os olhos às acções que necessitam de correcção.

Sintonizar a vida com o bem é o esforço que há a fazer. As dificuldades não se discutem, elas são caminho para lá chegar. □

donativo, para que continue a minorar o sofrimento de tantos irmãos que vivem uma vida sub-humana, para vergonha da nossa sociedade», mil euros.

Idem, da Maria Luísa, da Maria Osório, do Tiago. O dobro, da Maria, de Braga.

Mil e trezentos da Maria João, duzentos e cinquenta da Maria Alice, da Maria Madalena. Da Joaquina, dez euros por mês; do Afonso, 50 no mesmo ritmo.

Quinhentos da Maria Ana, do Manuel Taledo e da Maria de Jesus.

Cinquenta da Lígia, de vez em quando. Duzentos da Ilda da Amadora, da assinante 75608, do Mário, do Manuel Casimiro, do Jorge, da Arlete, da Laura e da Maria Eugénia, com esta poesia:

Ama! Acolhe! Estende a tua mão! / No teu coração será sempre Natal! / Na Casa do Gaiato é Natal todos os dias / E, a nós de fora, sabe bem uma visita.

No coração de Deus não há tempos.

O Natal e a Páscoa estão juntos, pois Cristo ressuscitou e está vivo. □



Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa

Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799

jornal.o.gaiato@obradarua.org.pt • www.obradarua.org.pt

obradarua@iol.pt

NIB: 0045 1342 40035524303 98

IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Contribuinte N.º 500 788 898

Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal: 358514/13

BENGUELA

Padre Manuel António

Vida nova

HOJE é o Domingo de Páscoa. A alegria da Ressurreição do Senhor enche o coração destes filhos que estavam mortos no abandono e na miséria. O Amor de Deus Pai que ressuscitou o seu Filho Jesus operou a maravilha da ressurreição destes filhos para uma vida nova, na Casa do Gaiato de Benguela. É a realidade maravilhosa, colhida na profundidade do mistério que celebramos. Os vossos corações participaram neste acontecimento. Por isso, queremos partilhar convosco a alegria desta hora magnífica. Sem a vossa ajuda, não seria possível o acolhimento destes filhos. Muitos mais aguardam a sua hora. Por isso, na medida da partilha dos vossos bens para ajuda da nossa Casa do Gaiato, os filhos mortos no abandono e na miséria terão uma vida nova. Este princípio vai contrariar a tentação comum da acumulação de bens para si próprio e preocupar-se o menos possível com os outros, sobretudo os mais necessitados. Quem dera cada um, na medida das suas possibilidades, ajude a criar uma comunidade verdadeiramente fraterna! Deste modo, daremos testemunho da Ressurreição de Jesus Cristo.

Neste período, dias atrás, houve chuvas muito intensas que provocaram autênticas des-

graças, em alguns bairros mais pobres. Sentimos as aflições de muitas famílias que ficaram sem as suas casas e os filhos na rua. Graças ao amor das comunidades cristãs, animadas pelos seus responsáveis, as desgraças estão a ser superadas. A força do Amor vence as maiores calamidades. Nas grandes assembleias cristãs, foi lembrado o compromisso de todos os membros na solução deste gravíssimo problema. Não há dúvida de que só quando conseguirmos criar esta comunidade fraterna, inspirada não pelo egoísmo, mas pela lei do Amor e da generosidade, ajudamos a resolver muitos problemas sociais. A vida da nossa Casa do Gaiato de Benguela está, pois, mergulhada nos corações generosos de cada um de vós.

Neste momento, lembramos o nosso querido amigo Eduardo Oliveira que procurou, com todo o empenho generoso, saber o nº da conta da Casa do Gaiato, no Banco, porque desejava enviar-nos uma ajuda. Cumpriu-se este projecto de amor. Recebemos os três mil Euros que nos enviou. Foram consumidos, passados poucos dias, em necessidades urgentes. Este donativo gerou muita confiança e esperança. O segredo da nossa vida está nestes actos de amor que fazem parte do

alicerce da Casa do Gaiato. Hoje, de manhã, alguém se abeirou da nossa carrinha, cheia de rapazes, a caminho da praia, e perguntou-nos de quem eram aqueles meninos. São da Casa do Gaiato de Benguela, respondi. Como conseguem viver? Com as ajudas que nos dão, foi a minha resposta. O segredo está no coração de todos os que querem colaborar na salvação dos filhos inocentemente perdidos...

Grande surpresa! Enquanto escrevia esta mensagem, fui surpreendido pela presença de seis garotos, junto da porta de entrada da nossa casa mãe. Eram filhos a viver na rua, abandonados, na cidade do Lobito. Alguém os encontrou e transportou, a caminho da Casa do Gaiato de Benguela. Deixou-os e foi-se embora. Quem nos dera poder acolhê-los! Nesta hora não nos é possível. Regressaram pelo mesmo caminho por onde vieram. Pobres filhos! Ficaram com a morada em nosso coração, à espera da hora para a entrada na nossa Casa do Gaiato. Necessitam, sem dúvida, desta Casa de Família para crescerem e serem homens dignos na sociedade. Há uma multidão de crianças a viver nestas condições de abandono. Temos esperança, com a ajuda dos vossos corações a partilhar connosco os bens que possuem, de continuar com o trabalho de ajudar estes filhos a serem homens. Com um beijo para todos vós dos filhos mais pequeninos da Casa do Gaiato de Benguela. □

SETÚBAL

Padre Acílio

Páscoa

A nossa Páscoa, foi um esplêndido sinal da Ressurreição do Senhor!

As nossas senhoras estão doentes, na cama, e uma bem doente!

Como preparar a Páscoa?

Foi simples — os rapazes mobilizaram-se, dois casados, com as suas mulheres, vieram na antevéspera fazer os preparativos, falaram com a senhora, menos doente, e programaram tudo.

Uns dias antes já haviam matado os leitões, preparados os temperos e seleccionada a lenha para o forno.

Uma das esposas, experiente em doçaria, encarregou-se das tartes, dos bolos, e de toda a confeitaria própria da festa.

Um deles, é um talentoso cozinheiro, com muita experiência na preparação de banquetes e na confecção de folares.

As nossas galinhas, que são donas da quinta: esgravatam e pastam por quase toda a propriedade, dão uns ovos deliciosos. As gemas misturaram-se com a massa dos folares e com as claras confeccionaram umas faróffias, coroadas de rendilhados cor de ouro, fingindo um magnífico tule de noiva! Uma beleza de decoração!

As refeições foram executadas com requinte e bom gosto e servidas nas mesas cobertas de

toalhas brancas, e louça de festa, sob a direcção do Bita.

Não faltou o delicioso peixe, trazido pelo Pedro.

Desde que me conheço nesta casa, nunca faltaram os borregos para a Páscoa. De uma pessoa ou de um grupo, apareceram sempre. Estava a ver que, este ano falia, mas enganei-me. O Senhor João apareceu na Sexta-feira Santa, com dois borregos e meio, já mortos e preparados.

A parte religiosa, foi predisposta e celebrada com dignidade e beleza!

Já falei do Retiro, mas na Quarta-feira Santa, alguns ainda procuraram a Reconciliação numa Igreja da Cidade.

As leituras foram declamadas primorosamente, e os salmos cantados pelos rapazes com rigor e muito brilho. Uma Vigília digna de uma catedral.

Fumeiro

JÁ referi que durante mais de trinta anos, esta casa não precisou de criar carne de porco, nem enchidos, nem fumados.

A Socar da Quinta do Anjo e duas fábricas do Montijo, davam-nos fatura de carne, e todos os seus derivados para nós, e para darmos aos pobres.

Com a crise, as fábricas fecharam e nós não tivemos outro remédio senão criar porcos.

Construímos uma pocilga arejada, e os porcos tornaram-se um atractivo para as nossas visitas.

Quando são pequeninos, os leitões a mamar, são um espectáculo natural surpreendente. Todos gostam de ver. Neste momento são quatro ninhadas, sendo três com dez bacorinhos cada, e uma com oito.

Os bichos alimentados com produtos naturais criados na nossa quinta, o que lhes dá uma carne de grande qualidade e invejável sabor.

Como os enchidos são caros, e o dinheiro é muito escasso, começamos a fazer chouriços de carne, de sangue e outros produtos similares.

A cozinha velha tem uma espaçosa chaminé e larga lareira. O Rodrigues arranjou uma máquina para encher as tripas. Ele tempera as carnes e as Senhoras de Setúbal que nos vêm ajudar à Segunda-feira, com os rapazes, apertam, arrumam e penduram nos devidos tubos.

Depois, é o fogo e o fumo. O Rodrigues lá sabe como dosar o calor, e escolher a lenha. Os rapazes gostam de ver, de admirar, de colaborar e também de comer. Ninguém, por esse mundo, petisca enchidos tão bons! E, o melhor disto, é que a realidade se torna próxima dos rapazes. Todos ficam a saber o que é e como se fazem os fumados. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Remoendo pedras

PELOS dias que se aproximavam desta Páscoa do Vivente Crucificado, não descolou da nossa retina o olhar terno de um pequenito pobre com a sua mãezinha, que se agarrou a nós, pois queria passar desse sítio pedregoso para abraçar um companheiro de brincadeiras nesse amontoado de casotos e que está connosco. Nessa ocasião de despedida cúmplice, o miudito fígou-nos e cegou-nos a vista num adeus tristonho, só distraídos por um destacamento do Corpo de Intervenção na proximidade. Continuavam os derrubes de barracas em zona vulnerável com gente refugiada de outro Continente e fragilizada.

Destacados para uma missão de paz, ao estarmos discretamente com esses amigos e sentirmos as suas dores, o nosso horizonte alargou-se aos amontoados de pedras desaparelhadas que nos envolviam e mais ainda aos rostos desnorteados com parcos haveres ao *deus-dará*. Avessos a voos desencarnados, saltou-nos logo ao coração ferido esta interpelação de Jesus: *Mulher, porque choras?* E ainda obrigatoriamente mais além e em comunhão com todos os cristãos, e não só, perseguidos nos quatro cantos do mundo, em dolorosas tragédias, como no Médio Oriente. Hoje, é mais fácil chegar pelas redes sociais a qualquer parte do planeta do que ao nosso próximo.

Naquela mancha negra de misérias nas margens de uma área metropolitana, como é sítio insalubre para sobreviver, em face do despejo iminente de tal tugúrio, entre montes deles, ficou acertado deixarem o barraco e lançar aquela família à procura de abrigo digno. Alguns garotos de cá testemunharam e tiveram um tratamento de choque para refilices pegadas: — *Olhe que é preciso trazer-lhes mais comida, camas e secretária...* Para dar valor ao quotidiano e viver com o essencial, faz bem à alma que cresce sentir a vida de quem nada tem.

O recado veio mesmo no dia de Páscoa, chegado de quem quer por bem ser ajudado a promover os frutos das suas entranhas: — *Já arranjei onde morar. Exigiram-me 600 euros. Conseguí pagar 400, pois faço umas limpezas. Ainda falta o resto, mais as refeições dos meus filhos. Preciso de apoio, Padre, ajude-nos!* O ter de ser, justo, tem muita força. E a força da justiça é um ímpeto imparável. Na urgentíssima promoção da vida nascente, repugnam-nos verborreias ocas e pseudomodernaças descentradas do que é vital. Há andorinhas perseverantes, quais *ferrinhos*, que não dispensam o aconchego do átrio da despensa para fazer os seus ninhos, enquanto se pavoneiam grupos de pressão e modas que querem desconfigurar os alicerces da família, num retrocesso suicida. *No essencial unidade e em tudo caridade.*

Regressado ao ninho familiar de outros passarinhos e até passarões bisnaus, cuja maioria dos pais nem vivem juntos nem *regularizados*, houve que arregaçar as mangas também para a burocracia, pois uma carrada deles tinha de dar conta das suas vidas a terceiros, visando relatórios sociais e conferências judiciais. Será que um filho ou filha (ainda por cima pobre) é propriedade estatal?

Noutro sítio, de acesso dito perigoso, escutámos esta seta tecnicista para uma mãe frágil: — *Tem de melhorar a sua situação, senão os seus filhos...* Como e com quê? Com umas migalhas e sem dominar a nossa língua, doeu-nos mesmo a sério. Para nossa instrução, ainda bem que foi Maria Madalena que primeiro viu o Senhor!

Naquele anterior lugar desfigurado, em que um *princepezinho* nos cativou, entre escombros de pedras caídas, não ficaram só de pé aquele cachopito, entre outros, mas ainda umas pequenas hortas. Não vimos um jardim, mas sim *flores* sequiosas de justiça. Onde Jesus foi crucificado e sepultado, havia lá um jardim. A cada passo, também dizemos: *Quem nos vai tirar as pedras?* E, quando olhamos, vemos algumas que já foram roladas para o lado.

Com estas lições, houve que aconchegar pés de oliveira e continuar a remover pedras dos torrões no chão que nos dá o pão. Sem beleza, mesmo ferida, não há salvação! Diante de uma mentalidade em que temos *crianças* até aos 18 anos, em ensino desencarnado, alguns rapazitos vivaços vieram mostrar-nos as palmas das mãos, cuja sina eram calos. Estas *medalhas* valem mais do que méritos elitistas afixados nas paredes.

De manhãzinha, no primeiro dia desta semana pascal, embelezou o altar do Sacrifício uma pedra galhenta e o pano de linho com que foram enxugados os pés a 12 pequenos da *casa da mãe*: Mário, Erikson, Anelca, Caiser, Bubacar, Dody, Fábio Tavares, Malam, Nandinho, Divino, Rocha e Betinho. Se em Turim há um Sudário enigmático, Jesus ressuscitou verdadeiramente e vai à nossa frente pelas Galileias de um mundo ferido pela violência, enfermidades e descrença, a *tocar* como Tomé. Que mãos e pés e coração vamos apresentando ao Senhor do jardim, se não formos ajudando a remover as pedras dos *sepulcros* em que se encontram irmãos nossos? □